

ANÁLISE DA OBRA *ESSA TERRA*, DE ANTÔNIO TORRES SOB A ÉGIDE DA TEORIA DE RENÉ GIRARD, *MENTIRA ROMÂNTICA E VERDADE ROMANESCA*

Vitória Karolline dos Santos Sousa¹
Herasmo Braga de Oliveira Brito²

RESUMO

O presente artigo aborda os aspectos da teoria mimética de René Girard apresentadas no livro *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* (2009), teoria que estuda as relações entre as personagens e pessoas, abordando que todas elas acontecem através da presença e influência de uma terceira que interfere nos desejos, o mediador. Destarte, o desejo sempre se dá de forma mimética. Assim, o presente artigo tem por objetivo analisar os aspectos existentes nessa teoria que estão presentes na obra neorregionalista *Essa Terra*, de Antônio Torres, utilizando como método a pesquisa, a leitura e a análise crítica da teoria e da obra. Este trabalho pretende ainda apresentar e discutir as características principais da teoria girardiana: como a mentira romântica, a verdade romanesca e as mediações.

Palavras-chave: Desejo mimético, Mentira Romântica, Verdade Romanesca, René Girard, *Essa Terra*.

ABSTRACT

This article deals with the aspects of the mimetic theory of René Girard presented in the book *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* (2009), a theory that studies the relations between the characters and people, all of which occur through the presence and influence of a third one interferes in desires, the mediator. Hence, desire always occurs in a mimetic way. Thus, this article aims to analyze the existing aspects of this theory that are present in the neoregionalist work *Essa Terra*, by Antonio Torres, using as a method the research, reading and critical analysis of theory and work. This work intends to present and discuss the main characteristics of the Girardian theory: such as romantic lies, romance truth and mediations.

Keywords: Mimetic desire, Romantic Lie, Romanesque Truth, René Girard, *Essa Terra*.

INTRODUÇÃO

Desde os primórdios, desenvolvemos nosso aprendizado através de um longo processo de imitação. Em sua *Arte Poética*, Aristóteles (2001) afirma que a imitação é inerente ao homem, abordando o conceito de mimese que, por muito tempo foi objeto de análise para muitos

1 Curso de Letras Português - pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI – vitória89@hotmail.com.

2 Professor Adjunto do Curso de Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI.

estudiosos, sendo comprovada e estudada até a contemporaneidade. Na obra *Mentira Romântica e Verdade Romanesca* (2009), René Girard traz a mimese sob um novo olhar, trazendo à tona a mentira romântica, a verdade romanesca, o desejo triangular, os aspectos de mediações e o conceito de bode expiatório.

A mentira romântica ocorre quando a presença do mediador na relação triangular não é reconhecida. Já a verdade romanesca é quando não só há a presença de um mediador, mas também o reconhecimento dessa existência. Advertimos que mesmo haja reconhecimento ou não por parte dos sujeitos envolvidos, sempre existirá uma terceira pessoa, i.e, a presença do mediador, sendo, portanto, todas as relações, como aponta Girard (2009), triangulares. Visto isso, Girard separou as mediações em dois tipos, sendo elas: externa e interna. A primeira ocorre quando há o reconhecimento do modelo adotado por parte do sujeito, dessa forma, a relação ocorre sem tensões, de forma harmônica. O segundo, ocorre quando não há essa aceitação, gerando possíveis conflitos na busca de um mesmo objeto.

Iremos analisar estas concepções dentro do enredo *Essa Terra*, de Antônio Torres, que narra a história de uma família sertaneja, buscando discutir suas principais características e contribuir com as discussões em torno da teoria mimética.

I

Por muito tempo construiu-se uma história de que somos autônomos, independentes, espontâneos, e isso refletia nas obras, os autores não deixavam espaço para possíveis mediações. Era construída uma imagem de naturalidade nas relações, como se elas acontecessem de forma livre de intervenções. Os autores que assim acreditavam nestas ideias contribuíam, como aborda Girard (2011), para o desenvolvimento da mentira romântica.

Após muitos anos de esforços e estudos, Girard notou um dado comum em obras escritas em locais e séculos diferentes, esse dado era a centralidade do desejo na reflexão acerca da condição humana, o que possibilitou contribuições para que a mentira romântica fosse desmascarada e os autores pudessem refletir em suas obras a verdade romanesca.

Essa verdade romanesca chegou rompendo com todas as concepções empregadas anteriormente, como por exemplo as ideias de genialidade, espontaneidade, individualidade, liberdade, independência e a de amor à primeira vista. Com os estudos de Girard, tornou-se notável que todas as relações são triangulares e sempre estão cercadas por mediadores:

De outro lado, e aqui reside a força girardiana, determinados autores, na ótica do filósofo francês, os grandes autores, descortinam uma inquietante noção: dois sujeitos somente passam a desejar-se através da mediação de um terceiro termo. Vale dizer, toda relação amorosa é sempre triangular, há sempre um outro que estimula o desejo de um dos vértices do triângulo. (ROCHA, 2009, p.15)

Visto isso, podemos afirmar que em todas as relações, não somente as amorosas, existe a presença de outro que ao desejar o objeto desejado, faz com que o desejo do sujeito aumente ainda mais, possibilitando a dinamicidade desse desejo. Além disso, essa relação não ocorre somente a partir do desejo do outro, ela se dá, de inúmeras formas, inclusive pela desaprovação.

Assim como ocorre na realidade, os personagens procuram em outras pessoas a aprovação ou a desaprovação, assim constituem uma íntima relação de dependência, não desejamos só por desejar, desejamos influenciados por outros, desejamos porque alguém também desejou ou porque alguém desaprovou, e nessa desaprovação transformamos o obstáculo também em desejo, continuando, portanto, o ciclo do desejo triangular.

II

Na obra *Essa Terra* (2014), a história tem como centro a vida de Nelo que é narrada por seu irmão mais novo, Tontonhim. O livro divide-se em quatro partes, sendo elas: **Essa terra me chama, Essa terra me enxota, Essa terra me enlouquece e Essa terra me ama**. A primeira parte trata-se de um relato memorialista, em que Tontonhim narra a volta de seu irmão Nelo, após muitos anos, à sua terra de origem. No decorrer da história, nota-se que em todas as relações existe a presença de uma terceira pessoa, que Girard classifica como mediador. Vejamos o seguinte fragmento:

Ninguém disse, porém, se a vinda de Ancar estava nas Sagradas Escrituras. Ancar: o banco que chegou de jipe, num domingo de missa, para emprestar dinheiro a quem tivesse umas poucas braças de terra. Os homens do jipe foram direto para a igreja e pediram ao padre para dizer quem eles eram, durante o sermão. O padre disse. Falou em progresso, falou no bem de todos. O banco tinha a garantia do Presidente.

– Se o Presidente garante, a coisa é boa – o primeiro que abriu a boca a favor dos homens já estava diante deles, na porta da venda. Mas murchou, ao ouvir o conselho que não esperava:

– Plante sisal. Está dando um dinheirão.

Sisal ninguém sabia plantar, aí é que estava a encrenca. Os homens do banco discutiram, explicaram, prometeram máquinas e dinheiro e todas as ajudas.

Depois o jipe voltou, trazendo as promissórias vencidas. Só então – e pela primeira vez na vida –, alguns homens do Junco começaram a compreender que padre também podia errar. Nelo descobriu que queria ir embora no dia em que viu os homens do jipe. Estava com 17 anos. Ele iria passar mais três anos para se despreparar do cóis das calças de papai. Três anos sonhando todas as noites com a fala e as roupas daqueles bancários – a fala e a roupa de quem, com toda certeza, dava muita sorte com as mulheres. (TORRES, 2014, p. 19)

Nelo deixa o Junco e segue cheio de sonhos, inclusive o sonho de superar a pobreza e ter uma vida melhor. Na passagem acima fica claro que o desejo de Nelo não surgiu de forma espontânea, assim também como as pessoas que investiram na plantação de sisal, ambos tiveram como mediadores as pessoas quem faziam parte do banco Ancar. No momento em que Nelo

viu aquelas pessoas, quis ser como elas, por isso deixou sua terra, sua família e foi para a cidade grande em busca de melhores condições. Não porque tivera esse sonho desde moço, mas porque adotou aquelas pessoas como modelos e passou a desejar ter o que elas tinham.

Esse aspecto de basear-se em outras pessoas é um dos principais pontos que Girard (2009) aborda em sua teoria, mostrando que somos movidos por influências, e que imitar o outro e desejar o mesmo objeto de desejo é algo pertencente à natureza humana, nessa relação o outro é o que René Girard aponta como mediador, podendo ser a relação pacífica por meio da aceitação (mediação externa) ou conflituosa por meio da negação (mediação interna).

Nelo foi para São Paulo e sumiu por muito tempo, embora ele não desse notícias, sempre mandava um dinheiro para a mãe para ajudar nas despesas, quando ele retorna não vai ver os pais em Feira de Santana, passa direto para o Junco – local onde crescera – e encontra seu irmão Tontohim, que apesar de já ser adulto não o conhecia, pois quando Nelo foi embora, ainda não havia nascido. Tontohim ouviu muitas coisas boas a respeito de Nelo durante toda a sua vida, criando então uma admiração mesmo não o conhecendo.

Meu irmão ainda se lembra de cada parente que deixou nestas brenhas, um a um, ele que, não tendo herdado um único palmo de terra onde cair morto, um dia pegou um caminhão e sumiu no mundo para se transformar, como que por encantamento, num homem belo e rico, com seus dentes de ouro, seu terno folgado e quente de casimira, seus ray-bans, seu rádio de pilha – faladorzinho como um corno – e um relógio que brilha mais do que a luz do dia. Um monumento, em carne e osso. O exemplo vivo de que a nossa terra também podia gerar grandes homens– e eu, que nem havia nascido quando ele foi embora, ia ver se acordava o grande homem de duas décadas de sono, porque o grande homem parecia ter voltado apenas para dormir. (TORRES, 2014, p. 14)

Mais adiante temos ainda: “Eu estava louco para tomar um banho no tanque velho [...] queria que meu irmão fosse comigo e estava pensando em arranjar uma jega, a mais fogaosa que houvesse, para o famoso Nelo matar a saudade de um velho amor.” (TORRES, 2014, p. 15). Nos dois trechos da obra, observa-se que Tontohim construiu uma admiração pelo irmão mesmo com a ausência de convivência. Essa relação só é possível por causa da presença da mediação de outras pessoas, que no decorrer de sua vida contaram-lhe histórias sobre o seu irmão mais velho, sempre o enchendo de elogios. Assim, podemos afirmar que as considerações e julgamentos dos outros influem muito nas nossas construções acerca das pessoas, somos o que os outros dizem sobre nós.

Ao mesmo tempo em que notamos a admiração de Tontohim por Nelo, percebemos também certa indiferença que o personagem tem para com o seu irmão mais velho, isso, provavelmente, ocorre por causa da preferência que os pais sempre tiveram a Nelo. Nessa situação, essa preferência funciona ainda como forma de mediação, despertando nos outros irmãos o desejo pelo afeto dos pais.

A mala me fez pensar no correio e nos envelopes gordos de antigamente, que chegavam de mês em mês. Dinheiro vivo, paulista, rico. Também me lembrei de mamãe: – Tomara eu

tivesse mais um filho igual a ele. Bastava um.
Nelo, Nelo, Nelo.
Um velho retrato desbotado da sua primeira comunhão.
Nelo, Nelo, Nelo.
Um acalanto, uma toada, uma canção.
Nelo, Nelo, Nelo.
Miragens sobre o poente, nosso sol atrás da montanha, sumindo no fim do mundo.
Nelo, Nelo, Nelo.
São Paulo está lá para trás da montanha, siga o exemplo do seu irmão.
Nelo, Nelo, Nelo.
Éramos doze, contando uma irmã que já morreu. Só ele contava.
Nelo, Nelo, Nelo. Bastava mais um.
Nossa sombra ao meio-dia, nossa árvore de todo dia.
Ora vejam quem chegou.
Entre, a casa também é sua.
Muito prazer! (TORRES, 2014, p.21-22)

A preferência que os pais tinham a Nelo fez com que todos os outros se sentissem excluídos, e às vezes até não amados, fazendo com que eles desejassem mais ainda o amor dos pais e até se alegrassem com as decepções de Nelo. Dessa forma, o afeto que eles sentiam pelo filho mais velho, funcionava como uma mediação, influenciando nas ações dos personagens e fazendo-os querer também a atenção e o carinho dos pais.

A minha resposta é um sim. Sim, velho Nelo, sim. Os outros mal conseguem o que comer e eu mesmo fiz uma cruz na parede e jurei por ela que nunca mais daria um tostão naquela casa de loucos, ainda que estivesse com o rabo cheio de dinheiro. Podiam morrer todos à míngua, diante dos meus olhos, que eu nem sequer iria me preocupar em enterrá-los. Por tudo o que me fizeram, a vida toda, e principalmente o que me fizeram durante os anos que mais precisei deles, por causa de um curso de ginásio. Os outros pensam do mesmo jeito, tenho certeza. Entre nós só uma estrela brilhou. Pague por isso, de preferência em ouro. Está tudo gravado na minha memória. Ouça:
– Ninguém faz nada por mim. Ninguém me ajuda em nada.
Reconhece esta voz? Continue ouvindo. Continue:
– Tenho doze filhos e me sinto tão sozinha. Se não fosse por Nelo.
Espere mais um pouco:
– Não vou passar essa roupa. Não sou sua empregada.
E agora, atenção:
– Os incomodados que se retirem.
Eis por que me retirei. Quer um conselho? Vá lá. Viva uns tempos com eles. Assim você não precisará das minhas explicações. Tente saber o que é passar a vida dentro de um saco de gatos, com um rombo no fundo. Os gatos entram, se arranham e vão descendo pelo fundo do saco. Comi os farelos enquanto pude suportar, agora... (TORRES, 2014, p. 23-24)

Na resposta de Tontonhim, o desprezo que agora ele tem pelos pais aparece de forma explícita, e é notável em todas as suas conversas com Nelo, certa tristeza em sua voz, ou até

mesmo em seus pensamentos. Isso, porque o desejo de Nelo em agradar os pais, fez com que eles o amassem mais, ou pelo menos era o que demonstravam, fazendo assim com que os outros filhos, inclusive Tontonhim, desejassem mais ainda esse afeto paternal. Porém o amor dos pais era restrito a Nelo, gerando situações de extremo conflito e tensões. Como é notável nesse pensamento de Tontonhim: “Não vou negar: eu experimentava uma estranha espécie de prazer ao vê-lo com aquela cara de borrego que se perdeu da manada, toda vez que uma resposta minha o espicaçava.” (TORRES, 2014, p.24).

Cabe ressaltar, que, esse afeto por Nelo não vinha só por parte dos pais, mas de outros parentes e pessoas que o conheciam, pois, os moradores do Junco criaram uma ilusão de que ele estava muito rico e com uma vida boa, quando na verdade ele era um ser deslocado, cheio de conflitos, doente, e agora tinha pouco dinheiro. Por desejar muito dinheiro e vida boa, muitos adotaram Nelo como modelo, entretanto, essa mediação ocorria de forma externa, as pessoas reconheciam o papel da mediação e dessa forma conflitos eram evitados.

– Esse aqui vai ser igualzinho a você. É inteligente como o diabo – ela bate na cabeça do menino inteligente como o diabo. – Isto é que é um filho (não o dela, claro). – Há quantos anos você manda dinheiro para a sua mãe, hein, Nelo?

– E eu lá sei? –ao dizer isso, ele se mostrou bem diferente de minutos atrás. Parecia orgulhoso com a história do bom filho.

– Ah, Nelo. Tu tá rico como o cão, não é?

– Dá para ir vivendo – ele disse –, mas suas palavras não destruíam toda a nossa ilusão.

– Rapaz de sorte, sempre teve muita sorte, desde menino. (TORRES, 2014, p. 25)

O papel de mediador aqui exercido por Nelo foi realizado de forma externa. Importante frisar que, embora essa breve relação ocorra de maneira próxima, existe uma distância espiritual entre o mediador e o sujeito, como conceitua Girard (2009). Essa distância é caracterizada pelo reconhecimento da adoção do modelo, destarte, não existem razões para uma possível tensão que por fim resultaria num conflito, características essas da mediação interna.

Um aspecto importante a destacar da teoria girardiana é que as posições no triângulo das relações não são fixas, uma mesma pessoa pode desempenhar os papéis de sujeito, mediador ou objeto, porém, isso só é possível em situações diferentes. Assim, Nelo que outrora exerceu papel de mediador, pode tranquilamente ser o objeto desejado ou até mesmo o sujeito do triângulo, como acontece na história que ele conta ao seu irmão de como perdeu a família:

– Então me ajude. Preciso achar a minha mulher e os meus dois filhos. Eu mato ela e você me ajuda a trazer os meninos. Se eu pego o filho de uma égua daquele baiano –

– Nós também somos baianos.

– Mas ele é um cabra ruim. Me roubou tudo o que eu tinha. Ainda por cima é meu primo.

– De quem está falando?

– Não Tontonhim. Isso eu não lhe digo. Vamos correr para debaixo de uma moita. (TORRES, 2014, p. 33)

Na passagem, temos Nelo como sujeito da relação triangular, ele que era casado e já tinha filhos, acabou perdendo sua esposa para um baiano, que apesar de ser seu primo, desejou-a mesmo assim e tomou-a de Nelo. Agora que a esposa se tornou objeto de outro, o desejo que sentia por ela aumenta, porém ele já a perdeu, sendo sacrificado no conflito gerado nesse triângulo amoroso. Esse acontecimento contribui para que Nelo posteriormente suicide.

Temos ainda Nelo como mediador em outra relação presente na obra, desta vez a mediação ocorre de forma desconhecida por ele, e diferente da citada anteriormente, aqui temos um conflito que só vem à tona depois do suicídio de Nelo. A esposa do sargento que não conhecia Nelo, o viu sentado na calçada da igreja e comentou que ele era bonito, imediatamente, o sargento passou a não gostar dele pelo ciúme provocado pelo comentário da esposa, sentindo inclusive vontade de matá-lo.

A sombra da igreja se encontra com a sombra das casas, no meio da praça. Daqui a pouco é de noite. E se papai não vem?

Olho para o sargento e ele continua perscrutando o chão da praça. Perscrutando, esmiuçando: sem palavras, sem tristeza, sem alegria.

Eu sei que ele queria matar o meu irmão. Eu sei. Desde o dia em que sua mulher perguntou quem era o homem que estava sentado na calçada da igreja. Ela disse que o homem que estava sentado na calçada da igreja era bonito. E então...

Não pense mais nisso, sargento. Você perdeu apenas a chance de matar um homem, que já chegou aqui morto, como se verá. (TORRES, 2014, p. 47-48)

Nesse pensamento de Tontonhim, nota-se que a mediação aqui existente não ocorreu de forma pacífica, o sargento criou desprezo por Nelo, mesmo ele nem tendo conhecimento do ocorrido. Nessa situação, a morte de Nelo funcionou como um mecanismo de controle para a tensão causada pela esposa. Embora os motivos do suicídio de Nelo tenham sido outros, sua morte também funcionou como um sacrifício para o casamento do sargento, em que Nelo tendo morrido, as tensões criadas pelo possível desejo da esposa foram aliviadas temporariamente. Nesse momento ocorre o que na teoria girardiana é conceituada como o bode expiatório, algo necessário que pelo sacrifício se reinicie um período de paz, como podemos ilustrar no seguinte fragmento:

– Volta, volta – me debato, esperneio, imploro. – Estou me endireitando, estou ganhando dinheiro outra vez, faço negócios, compro confecções aqui e vendo no norte do Paraná – me sacolejo dentro das malhas, uma rede de malhas: os braços. – Semana passada ganhei um dinheiro em Londrina, parei de beber, agora trabalho duro, volta – um alicate na barriga, um arrepio, um estremeço. – Volta, serei outro homem pra você, serei outro Nelo, me perdoa, volta – um trompaço, mexem em meus bolsos, onde está a arma? – Não aguento mais, quero ver os meus filhos, quero acordar todos os dias e ver os meus filhos – me apalpm, me beliscam, os faróis me atordoam, o povo me rodeia, todo mundo quer ver, o que foi que houve, um ladrão. – Volta, volta, pelo amor de Deus.

Comecei a chorar.

– Confessa, você ia raptar os meninos.

– Confessa, você ia matar sua mulher.
Olá, Zé do Pistom, quanta honra. A que devo essa surpresa?
Era ele mesmo, o baiano. O primeiro emprego que arranhou na vida foi por meu intermédio.
Cobrador de ônibus: Penha – São Miguel Paulista. Depois virou policial. Depois roubou a
minha mulher e os meus filhos. – Onde está o revólver que você comprou para me matar?
– Zé me revista, me alisa, me ferroa. (TORRES, 2014, p. 50)

Eis o real motivo de Nelo ter tirado a própria vida. Ele perdeu tudo o que tinha para Zé do Pistom. Nessa relação triangular, a mediação ocorreu de forma interna, não houve o reconhecimento da adoção do modelo, criando uma tensão e um conflito. Dessa forma, o mecanismo encontrado para aliviar essa tensão foi o bode expiatório, apontado por Girard em sua teoria, que nesse caso foi o próprio Nelo. Nessa situação, percebe-se a forte presença da mediação, Nelo precisou que outro desejasse a sua esposa, para então desejá-la também, e só assim assumiu responsabilidades. Porém, já era tarde, ele perdeu tudo o que tinha de mais importante na vida e passou a ser um homem deslocado, perdido, sendo o sacrifício vivo do triângulo, ficando de fora da vida da esposa e dos filhos.

Por esse motivo, ele resolveu voltar para casa, mas como nada fazia mais sentido, viveu seus últimos dias guardando tudo sobre sua vida, e solucionando suas aflições com o suicídio, já que ao voltar ao Junco, percebeu que quebrara todas as expectativas criadas a respeito dele pelos outros, encontrando no suicídio, a simplificação dos seus problemas.

III

No capítulo “Essa terra me enxota”, temos um momento de reflexão, em que o pai de Nelo relembra muitos acontecimentos de sua vida e lamenta muitos deles. Embora não admita, ele sente falta da esposa, sente saudade dos filhos, tem o desejo de voltar no tempo e manter todos juntos. Além disso, sente uma enorme tristeza por ter perdido sua terra que tanto amara. Ele se sente tão sozinho e amargurado que busca incansavelmente em sua mente as justificativas para a sua desgraça, e para ele, a mais convincente é a de que tudo foi culpa de sua esposa.

Uma filha fugiu com um rapaz de cabelo pixaim, eta filha desnaturada. Deus fez os brancos para os brancos, os pretos para os pretos. Branco com preto não assentava. Ainda bem que os netos tinham cabelos bons. Conforme lhe diziam, puxaram à raça da mãe e não à do pai. Pisa no fundo do riacho, borbulhas de lama sobem pela sua perna acima, até a superfície. A filha só fez aquilo porque sabia que ele era contra. Não pôde por bem, pôde por mal. Fugiu na garupa de um negro. (TORRES, 2014, p.60-61)

Neste trecho, observa-se outra forma de mediação, nessa relação o que causou o desejo da moça pelo negro, na verdade, foi a desaprovação do pai. O obstáculo imposto pelo pai, fez com que a filha, em vez de deixar o rapaz para agradá-lo, convertesse essa negação em mais desejo. Outro aspecto, é que nesse pensamento do pai, o que atua não é a própria consciência

dele, e sim as vozes sociais, essas por sua vez, criam padrões e fazem com que os sujeitos sigam acreditando que são princípios autônomos e espontâneos, não admitindo que estão sendo influenciados por terceiros, contribuindo para a solidificação da máscara construída pela mentira romântica.

Na narrativa, o pai continua refletindo sobre sua vida e seu fracasso, inclusive pela forma como perdeu tudo, como perdeu a terra que tanto amara. Ele reconhece a interferência do sogro em seus negócios, e agora lamenta-se por não ter dado ouvidos. Sabe que se tivesse seguido os bons conselhos, ainda teria sua casa, sua roça e sua família. Eles não teriam passado tantos apertos e necessidades, entretanto, ele preferiu dar ouvidos à sua vaidade e ao seu irmão, que desejava muito as suas terras e o atçou a seguir com seus planos de plantar sisal.

– O banco não esperava. Venceu, está vencido.

Tudo isso se passou debaixo do pé de tamarindo, no meio da feira. O povo via e escutava. Os homens falaram que podiam renovar as letras, se ele arranjasse um novo avalista. Quem? Todos os seus compadres estavam quebrados ou pendurados no banco, com suas próprias dívidas. Abaixou a cabeça, a testa franzida, um desejo imenso de que a terra se abrisse ali diante de seus pés, para que ele entrasse pelo chão adentro, no sem-fim do mundo. Pensou no irmão, o único parente de posses que ainda lhe restava. Mas o irmão estava lá, vendo e ouvindo tudo, se quisesse já tinha se oferecido. No meio da confusão, um grito anuncia aquilo que ninguém esperava, assanha o povo, vira escândalo: – Estão prendendo o Mestre. Venham ver. O Mestre está preso.

Não. Não podia olhar para o lado. Veria a cara da infâmia, aquela infâmia que jamais esqueceria.

– Compadre, você está vendo. Estes homens não querem ter paciência. O que é que eu faço?

O jeito é vender a roça – disse o irmão.

– Vender assim sem mais nem menos?

– É o jeito.

– Mas a quem? Essas coisas demoram.

– Eu compro – disse o irmão.

– E se eu não quiser vender?

– O banco toma, pra vender depois a outro – o irmão olhava para os homens, como se fosse do partido deles. (TORRES, 2014, p. 72-73)

Aqui temos um impasse, se olharmos superficialmente parece que a atitude do irmão foi nobre, e ele agiu corretamente para ajudar o seu irmão, porém, se olharmos atenciosamente, lendo as entrelinhas, percebemos que o irmão agiu segundo o seu próprio interesse. Viu a oportunidade que tanto esperava para tomar posse da terra do irmão e não pensou duas vezes. Sugeriu ao irmão que vendesse, fazendo-o pensar que era a única solução e que essa ideia era dele, quando na verdade ele nunca pensara em vender a sua terra, a sua herança que tanto amava.

Os dois irmãos se interessavam pela terra, quanto mais a terra era desejada mais o desejo de ambos por ela aumentava, tanto que quando o irmão propôs comprar a terra, o outro quis voltar atrás, desistindo de vendê-la, no entanto, agora sim, essa era a sua única solução. A

terra foi vendida, ele pagou a dívida no banco e foi embora para Feira de Santana para viver com a esposa, viver uma vida cheia de dificuldades e miséria, como era a realidade em muitos lugares do Nordeste há alguns anos.

No capítulo “Essa terra me enlouquece”, temos mais uma vez a presença das vozes sociais construindo a solidificação da máscara da mentira romântica. Tontonhim visita os pais e nessa visita é perceptível a influência da sociedade refletida em suas ações, determinando todos os seus passos.

Entro no quarto e arrumo minhas roupas. Vou voltar para casa. Casa? O Junco. Antes sozinho do que... Honrarás pai e mãe? Ia ficar uns quinze dias com eles. Chegaram esses dois. Pé ante pé, como quem pisa em ovos, mamãe atravessa a cozinha e fica parada na porta da varanda. Imóvel. Olha por cima dos ombros dele. De costas, papai não vê que alguém repara no que está comendo. Só se dá conta disso quando se levanta para beber um copo de água. Diz qualquer coisa, que não ouço. O que ouvi, daí a pouco, foi o tombo, o estrondo de um copo se esparramando no chão. (TORRES, 2014, p.104)

Este trecho antecede uma briga feia dos pais, e Tontonhim, mesmo com muita vontade de ir embora, obedece às vozes sociais que estão presentes na sua mente, fica na casa dos pais e tenta solucionar aquele problema. Da mesma forma que acontece com todas as pessoas que vivem de forma alienada. Ele acredita que aquela voz é a sua consciência, é algo espontâneo da sua mente, continuando com o legado da mentira romântica. Além disso, cabe destacar que, assim como vimos neste fragmento, toda a nossa vida é ditada por terceiros, não somos totalmente autônomos em nada, dependemos de outras pessoas, e reconhecer esse fato faz com que deixemos a máscara romântica, para assumir uma postura romanesca.

Na última parte do livro, “Essa terra me ama”, Tontonhim está levando sua mãe ao hospital mais próximo, pois com a morte de Nelo ela acabou enlouquecendo, tanto que viu o corpo do filho estirado no chão, mas não acredita que ele morreu, age como se nada tivesse acontecido. Durante a viagem ao hospital, ela faz uma reflexão sobre sua vida e lamenta-se por tudo de ruim que passou, inclusive de como perdeu sua filha Adelaide, um segredo que guardou durante toda a vida, e que agora revelava a seu filho Tontonhim.

– Adelaide estava na cama, de resguardo. Tinha tido menino um dia antes. Estava me mostrando o corte na barriga. Chorava. Foi o marido quem tinha feito aquilo. Ciúmes. Ciúmes do médico que fez o parto, veja você. Eu estava horrorizada, quando ele entrou, atirando. Uma bala pegou na minha perna. As outras foram descarregadas na barriga da sua irmã.

– Então não foi de parto que ela morreu?

– Eu encobri isso de vocês. Não foi de parto. (TORRES, 2014, p. 126)

Adelaide, assim como outra de suas filhas, encontrou na desaprovação dos pais, a fonte de desejo pelo rapaz que escolhera. A mãe afirma que ela nem gostava do rapaz, vivia fugindo dele, mas, um dia depois de aconselhá-la para que tivesse cuidado com ele, porque ele não era

uma boa pessoa, ela fugiu, quando a mãe a encontrou. Ela estava trancada no quarto de um puteiro, apanhando, e mesmo assim casou-se com ele e continuou apanhando. Dessa forma, a intervenção da mãe também funcionou como mediação, fazendo com que Adelaide escolhesse viver com um homem, que na verdade, não gostava.

Após internar a mãe na clínica, Tontohim retorna para sua casa, o enterro já aconteceu e não esperaram por ele, mas ele não se importa, na verdade, ele estava muito cansado e não queria mais preocupações. Era isso que sua família significava para ele: preocupações, problemas. Foi essa a herança que ele acreditava ter recebido de pessoas que nunca fizeram nada por ele, e que como contou a Nelo numa de suas conversas, viraram as costas no momento em que ele mais precisou.

E como última forma de mediação presente na obra, temos o Tontohim, que adota seu irmão Nelo, mesmo depois do fracasso e do suicídio, como modelo e, assim como ele fez, vai para São Paulo em busca de uma vida melhor, desligando-se de tantos problemas que tivera no Junco, que agora já não tem tanta cara de lar como tinha antes da chegada de Nelo. O pai desaprova a sua partida, mas nada adianta, ele já tomou sua decisão, por fim, o pai acaba compreendendo, mas sabendo o final que lhe esperava.

IV

Outro aspecto a ser citado, além do desejo mimético abordado por Girard, é a configuração do espaço problematizado nas obras neorregionalistas, aspecto desenvolvido por Herasmo Braga na obra *Neorregionalismo Brasileiro: Análise de uma nova tendência da Literatura Brasileira* (2017). Durante todo o enredo, nota-se a dificuldade que alguns personagens têm ao se deslocarem do seu espaço de origem, o Junco, para locais mais desenvolvidos. O pai de Nelo mesmo sente muita tristeza ao perder sua casa e sua roça, isso porque nesta obra, o espaço não é só uma característica geográfica, ele faz parte da identidade do personagem, juntamente com suas memórias, dando significação às suas vivências.

Ao falar de São Paulo, o homem enchia a boca, ficava mais importante ainda. Lá, qualquer um podia ser pedreiro e doutor ao mesmo tempo, pois, no fim do dia, tomava-se um banho, vestia-se roupa nova, e ninguém sabia da vida de ninguém.
– Está muito certo, seu Caboco. Tudo muito bonito. Mas deixar essas terras velhas e boas daqui eu não deixo, não. (TORRES, 2014, p.76)

Neste fragmento, é notável o sentimento de pertencimento que o pai tem pela terra e mesmo com todas as promessas de felicidade que a cidade grande oferece, ele ainda prefere a sua terra, inclusive, uma das suas maiores decepções é o fato de que a sua esposa e os seus filhos não gostarem do Junco como ele, tanto que todos foram embora, e o único filho que ainda morava lá, depois da morte de Nelo, também decide ir.

Essas características se fazem presentes nas obras neorregionalistas e atuam diretamente sobre os sujeitos. Nessas obras, o espaço não é algo estagnado, ele influencia nas experiências dos sujeitos, e estes por sua vez, também atuam e interferem nele, provocando mudanças no espaço.

Além disso, a memória como fator de resistência, outro pilar neorregionalista, também está presente na obra. Todo o enredo é marcado por reflexões que os personagens fazem a cerca do passado. Essa preservação das memórias, das vivências é o que significa os seres, como aborda Braga (2017) em sua obra.

Destarte, é importante reconhecer a influência desses aspectos sobre a construção da obra, pois é através desse reconhecimento que podemos compreender com exatidão o que a obra transmite em suas entrelinhas e realizar análises significativas que enxergam as singularidades, e não só o superficial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou apresentar as principais características da teoria de Girard, *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*, presentes na obra *Essa Terra*, através da leitura e análise dos livros utilizados. Importante ressaltar que os aspectos da teoria mimética de Girard presentes na obra de Torres não são representados explicitamente, é necessário a realização de uma análise minuciosa para notar tais aspectos que, dependendo da obra são representados de forma explícita ou implícita, mas que estão presentes em todas as obras, já que elas refratam a realidade.

Através da leitura e reflexão crítica sobre a obra, foi possível encontrar muitos aspectos de forma singular. Dentre eles, temos a centralização no aspecto da mediação externa que ocorre em diversos momentos na obra, e contribui para a compreensão de que todas as nossas relações, independentes de quais sejam, sempre são marcadas pela presença de terceiros. Com isso, podemos classificar que todas as relações ocorrem de forma triangular e que as relações, como foi exemplificada através de Nelo, podem ter suas ordens invertidas, uma mesma pessoa pode ser sujeito, objeto ou mediador, em contextos diferentes.

Outro aspecto, abordado de forma secundária na análise, foi a configuração do espaço e a memória como fator de resistência, pilares da teoria do Neorregionalismo Brasileiro de Herasmo Braga, que estão com muita força presentes na obra, e que contribuem para a construção da compreensão da mesma. Além disso, comprovam a veracidade da teoria, contribuindo assim, com as discussões a respeito dela.

Contudo, este artigo buscou mostrar todos os aspectos e características da teoria de Girard presentes na obra de Torres, objetivando contribuir para as discussões a respeito da teoria girardiana, e apresentar a análise realizada na obra *Essa Terra*, que foi fundamentada através de fragmentos do próprio livro.

REFERÊNCIAS

BRITO, Herasmo. *Neorregionalismo Brasileiro: Análise de uma nova tendência da Literatura Brasileira*. Teresina: EDUFPI, 2017.

CARREIRO, Raimundo. *Os segredos da ficção: um guia da arte de escrever narrativas*. Rio de Janeiro: AGIR, 2005.

FORSTER, E. M. *Aspectos do Romance*. 2.ed. São Paulo: Globo, 1998.

GIRARD, René. *Mentira Romântica e Verdade Romanesca*. Tradução Lilia Ledon da Silva. São Paulo: É realizações, 2009.

TORRES, Antônio. *Essa Terra*. 3.ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.